

# Diversão & Arte

» MARIANA PEIXOTO

Na França do pós-guerra, não houve nada tão extraordinário, opulento e exótico quanto a festa do castelo de Coberville. Em 3 de agosto de 1952, o costureiro Jacques Fath, maior rival de Christian Dior, abriu sua propriedade nos arredores de Paris para um regabofe que reuniu 3 mil pessoas: europeus, americanos e brasileiros, esses em grande número, por sinal. Um dos anfitriões da noite (que terminou com dia claro) foi Assis Chateaubriand (1892-1968).

A festança é um dos cenários de *Chatô & os Diários Associados — 100 Anos de paixão*, musical que celebra o centenário do grupo de comunicação do qual o **Correio Braziliense** e o *Estado de Minas* fazem parte. Com estreia nesta sexta-feira (28/3), no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o espetáculo foi escrito por Fernando Moraes, autor da biografia *Chatô — O rei do Brasil* (1994), e Eduardo Bakr. A direção é de Tadeu Aguiar.

Com temporadas em outras capitais ao longo de 2025, o musical tem colaboração do presidente do condomínio acionário dos Diários Associados, Josemar Gimenez de Resende. Produzido pela Voglia Produções Artísticas, é apresentado pelo Ministério da Cultura e Petrobras como parte do Programa Petrobras Cultural.

Em dois atos, o espetáculo tem início em 2024, quando Fabiano (Claudio Lins), um jornalista desempregado, depara-se com a estátua de Chateaubriand na Praça da Independência, no Recife. A imagem de pedra ganha vida (o magnata das comunicações é interpretado por Stepan Nercessian), reclamando dos constantes roubos de sua caneta. Inicia uma conversa com o repórter e pede a ele que escreva sua história. Desta maneira, Fabiano vai viajar no tempo, acompanhando as passagens mais relevantes da trajetória do “rei do Brasil”.

Esse retorno ao passado começa em 1924, quando Chatô, aos 32 anos, compra o diário carioca *O jornal*, pedra fundamental dos Diários Associados. De lá, a história migra para 1952, justamente na tal festa (Orson Welles e Ginger Rogers se esbaldaram no evento, diga-se) promovida por Chateaubriand em

Fotos: André Wanderley/Divulgação



Stepan Nercessian procurou reviver o espírito de Chatô



Patrícia França vive a funcionária Juliana: espaço para as mulheres



Sylvia Massari interpreta a funcionária dona Janete: sopro de comédia

parceria com Fath para divulgar, na Europa, o algodão brasileiro.

## RÁDIO E TV TUPI

Outros momentos relevantes da história são a inauguração da Rádio Tupi, em 1935, bem como a cassação da concessão da TV Tupi, primeira emissora brasileira de televisão, pelo governo militar, em 1980. “Chatô criou o maior conglomerado de comunicação do país. O musical não é para falar bem dele, mas celebrar o legado. Ele fazia tudo com muita paixão. Os métodos são meio esquisitos”, comenta Tadeu Aguiar.

Fernando Moraes e Eduardo Bakr tiveram muitas conversas até definir o recorte da montagem. “Se entrássemos na questão familiar, seria uma peça; na financeira, outra. Decidimos fazer o recorte na comunicação”, diz Bakr. A presença do fantástico — uma estátua que ganha vida e empreende uma viagem no tempo — permitiu que uma trajetória tão grande e diversa pudesse ser apresentada em pouco mais de duas horas.

Como se trata de um musical que permeia boa parte da história brasileira do século 20, o cancionário de vários períodos é levado para a cena. Além do quarteto principal — os dois atores supracitados contracenam com as atrizes Sylvia Massari, veterana do teatro musical, e Patrícia França — o

espetáculo tem um elenco coadjuvante de 14 intérpretes, que dão vida a personalidades como Carmen Miranda, Hebe Camargo e Lolita Rodrigues, bem como uma banda de nove músicos. A coreografia é de Carlinhos de Jesus, a direção musical de Thalysom Rodrigues com supervisão de Guto Graça Mello.

## CRIAÇÃO DIÁRIA

“Quando você dirige um espetáculo work in progress, em que cria as cenas diariamente (durante os ensaios) em que o autor está presente, o trabalho é mais

excitante. Você está construindo um espetáculo com uma equipe, não é uma réplica que vem pronta (como acontece com musicais internacionais quando chegam ao Brasil). É muito mais instigante para um diretor”, diz Aguiar.

O diretor também assina a versão nacional de *Uma babá quase perfeita*, em cartaz em São Paulo, e prepara-se para voltar com *Beetlejuice* aos palcos cariocas. “Um musical brasileiro é geralmente mais saboroso, pois traz nossa latinidade”, comenta Aguiar, que está trabalhando em *Chatô & os Diários Associados* desde outubro de 2024.

## ONDE VER

*Chatô & os Diários Associados — 100 Anos de paixão* estreia na próxima sexta-feira (28/3), às 19h, no Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro. Ficarão em temporada até 27 de abril, com sessões às sextas e sábados, às 19h; e domingos, às 17h. A partir de 5/4, haverá sessão aos domingos às 15h. Em 24/4, sessão extra às 19h. Ingressos: Plateia e balcão nobre: R\$ 60 e R\$ 30 (meia); balcão simples: R\$ 40 e R\$ 20 (meia). À venda na funarj. [eleventickets.com](http://eleventickets.com).

# Como nasce um IMPÉRIO

Com foco no talento empresarial de Assis Chateaubriand, o musical *Chatô & os Diários Associados — 100 Anos de paixão* estreia nesta semana, no Rio de Janeiro



Aponte o celular e veja *Chatô & os Diários Associados*

## Na pele de Chatô

“Estou me especializando como um ator de musical que não canta nem dança”, brinca Stepan Nercessian, o Assis Chateaubriand de *Chatô & os Diários Associados — 100 Anos de paixão*. Antes do magnata das comunicações, ele estreou no gênero teatral uma década atrás, como Chacrinha, no musical homônimo. Mais recentemente, deu corpo ao Coronel Tom Parker, o polêmico empresário de Elvis Presley, em *O rei do rock*.

É o único do elenco principal que não coloca o vozêirão à prova. Divide a cena com

Claudio Lins, intérprete do jornalista fictício que vai escrever a história dos Diários Associados por meio de uma viagem no tempo; Sylvia Massari, que vive dona Janete, a secretária de Chateaubriand; e Patrícia França, que dá vida a Juliana, uma funcionária do grupo de comunicação e interesse romântico do personagem de Lins.

Como protagonista, Nercessian está quase o tempo todo em cena. Boa parte da história, que pontua os momentos decisivos dos Diários Associados — como a fundação do grupo,

em 1924, a criação da revista *O Cruzeiro* e da TV Tupi, a primeira emissora de TV do país — tem como cenário o escritório de Chatô.

Nascido em Cristalina, Goiás, Nercessian comenta que o que lhe vem logo à cabeça ao pensar em Chateaubriand é o Curumim, o mascote da Tupi. “Na primeira vez que o vi, não tinha nada (de programação). Era só o slide parado”, comenta o ator. A Tupi foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, em São Paulo. Só se tornaria uma rede nacional alguns anos mais tarde.

## LIDERANÇA

Para levar o personagem para a cena, Nercessian criou seu próprio Chateaubriand. “Não procurei a verossimilhança, estou trabalhando o espírito dele. Como todo homem com espírito de liderança, era uma figura muito envolvente, acelerada, inteligentíssimo, que é um lado que pouco se ressalta nele.”

Ainda que tenha tido uma vida pessoal tumultuada, e a fama de mulherengo sempre o acompanhou, Chatô também tinha um lado, digamos,

à frente de seu tempo. “O primeiro beijo entre duas mulheres aconteceu na Tupi”, comenta Nercessian, referindo-se à cena protagonizada pelas atrizes Vida Alves e Geórgia Gomide no teleteatro *Calúnia*, transmitido ao vivo em 1963.

“Procurei trabalhar isto e também outras questões de um camarada que foi quase tudo o que queria”, comenta o ator, lembrando-se da carreira política de Chateaubriand (cumpriu mandatos de senador na década de 1950 pela Paraíba, seu estado natal, e Maranhão); sua eleição, no final 1954, para a Academia Brasileira de Letras (sucendo ninguém mais, ninguém menos do que Getúlio Vargas na cadeira de número 37); e a criação do Museu de Arte de São Paulo (Masp, fundado em 1947). (MP)

Cena de *Chatô & os Diários Associados*: história revivida em ritmo de musical

